

DA
ALMA
E DOS
OSSOS

AFORISMOS DE
CRÍTICA CULTURAL:
UMA CIÊNCIA
MELANCÓLICA

AMOSTRA

LUIZ FELIPE PONDÉ

70

Rio de Janeiro, 2025

Da alma e dos ossos

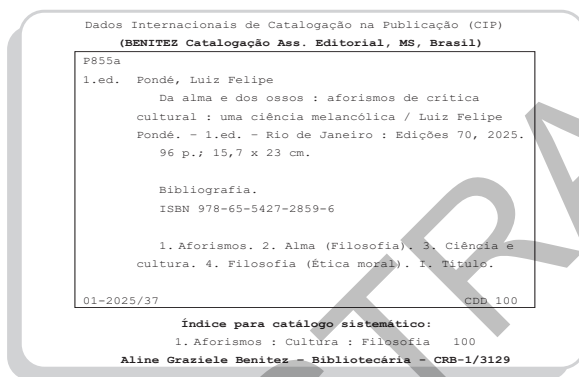
Copyright © 2025 Edições 70.

Edições 70 é um selo da Editora Almedina do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria LTDA).

Copyright © 2025 Luiz Felipe Pondé.

ISBN: 978-65-5427-2859-6

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2025 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.



Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Marcas Registradas: Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

Material de apoio e erratas: Se parte integrante da obra e/ou por real necessidade, no site da editora o leitor encontrará os materiais de apoio (download), errata e/ou quaisquer outros conteúdos aplicáveis à obra. Acesse o site www.altabooks.com.br e procure pelo título do livro desejado para ter acesso ao conteúdo..

Suporte Técnico: A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.

Grupo Editorial Alta Books

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books

Diretor Editorial: Anderson Vieira

Editor da Obra: Marco Pace

Vendas Governamentais: Cristiane Mutüs

Gerência Comercial: Claudio Lima

Assistente Editorial: Andreza Moraes

Revisão: Rodrigo Nakano

Diagramação: Aurélio Corrêa

Capa: Beatriz Froher



Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré
CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)
Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419

www.altabooks.com.br – altabooks@altabooks.com.br

Ouvidoria: ouvidoria@altabooks.com.br



Editora
afiliada à:



“O mundo é virado de ponta-cabeça: vozes chamam de cisternas vazias e de poços. Atravessando com dificuldade esse horror, o Peregrino chega à Capela Perigosa, ossos secos e túmulos caídos.”

KIRK, Russel. *A era de T.S. Eliot: a imaginação moral do século XX*. 1. ed. São Paulo: É Realizações, 2011.

“Cada vez mais nos assemelhamos àquelas pessoas ativas que ‘rodam tal como pedras, conforme a estupidez da mecânica’.”

HAN, Byung-Chul Han. *Vida contemplativa ou sobre a inatividade*. 1. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2023, citando Nietzsche: “Humano, demasiado humano: um espírito livre”.

“O robô, para o homem moderno, é o homem salvo.”

BERNANOS, George. *La France contre les Robots*. Montreal: Le Castor Astral Éditeur, 2015.

AMOSTRA

SUMÁRIO

A cultura contemporânea de bactérias- alguns reparos de partida.....	1
As vísceras de um vira-lata.....	3
O mal-estar como cultura	6
Só os demônios podem nos salvar	8
A perseguição a pauladas pelas ruas.....	11
O surto do progresso	13
O retorno da histeria: o atávico horror ao sexo.....	15
O gozo com a censura	17
Empreendedores da saúde mental	19
De que forma o mito do progresso respira em nós?.....	21
A inércia basal da inveja do falo.....	23
Aprofundando a verdadeira alma da modernidade: a política como surto.....	25
A condição paranoide da cultura.....	27
A vocação natural da democracia aos idiotas	29
A cultura judiciária a serviço do silêncio	31
Uma cultura a serviço do desamparo mudo	33
A moral mínima está morta	35
A falácia da educação	37
A cultura contra a família	39
Só os desesperançosos verão a face da esperança	41

Uma crítica da cultura a partir dos animais	43
O desespero da linguagem.....	45
A descoberta de Dostoiévski	46
Os brinquedos ridículos	48
"O sábado é uma ilusão"	50
O fetiche da individualidade	52
"As tolices do tempo"	54
Uma cultura monista	55
O marketing íntimo.....	57
O vazio no coração do marketing	59
A mecânica da miséria.....	61
Saudade de uma cultura sem futuro	63
A humanidade é puro fetiche conceitual.....	65
O lugar do inferno em nossa cultura.....	67
A desinformação como opção hermenêutica	70
O feminismo como estupidez.....	72
Aprendendo a pensar o futuro sem ilusões.....	75
A espiritualidade podre.....	78
Os chefes da felicidade e a marca pessoal.....	80
Para os novos miseráveis, não há perdão.....	82
O segredo dos ossos.....	84
Um apêndice breve	86
Referências	88

A CULTURA CONTEMPORÂNEA DE BACTÉRIAS

- alguns reparos de partida

TENHAM EM MENTE DURANTE TODO O TEMPO QUE, por acaso, dediquem a essa ciência melancólica que aqui proponho que jamais foi minha intenção salvar mundo nenhum, antes de tudo porque não há salvação nenhuma em jogo. Durará ele, e nós nele, o quanto durará, portanto, não me coloque questões aborrecidas que pretendem cobrar desses breves ensaios ou aforismos alguma forma de adesão ao mundo, porque não encontrarão. Não desperdicem meu tempo nem o vosso.

Antes de tudo, um esclarecimento: vou repetir algumas ideias ao longo desses breves ensaios porque a comunicação precisa de redundâncias, já que o leitor é um ser efêmero. Hoje mais do que nunca. Lembrem que escrever ensaios é “pensar com o lápis”, como dizia o grande crítico cultural e filósofo Theodor Adorno.

A primeira é que não vou me deter ou me preocupar em dar uma definição de cultura. Como dizia o filósofo francês do século 17, Blaise Pascal, melhor não perguntar o que é o tempo porque a pergunta vai apenas nos confundir. Quando falamos sobre tempo, as pessoas nos entendem de forma bastante razoável. Intuímos o que é o tempo. Não o tempo da física contemporânea, que, aliás, é contraintuitivo completamente. Pois bem: faço minhas palavras de Pascal. Tampouco vou dar definições complexas sobre cultura.

Direi apenas, seguindo os passos de Hegel no século 19, que cultura é o conjunto de produções objetivas do espírito. Se você quiser, direi o conjunto de produções objetivas da consciência.

Daí se segue que comida, lei, arte, religião, instituições, comportamento em geral, literatura, dança, ciência, linguagem são exemplos de elementos que constituem esse conjunto. Quando eu falar de cultura, ouça isso, e não perca tempo buscando definições que mais parecem uma baixa escolástica do tipo: quando puxo um burro com uma corda, sou eu que puxo ou a corda?

E mais: não me aborreça, como é comum no efêmero leitor do século 21 – que, mais do que em qualquer outra época, é ignorante acerca da sua própria ignorância –, com detalhes óbvios como “toda cultura tem limites contextuais, geográficos e históricos”. Sabemos disso, aliás, a cultura é um contexto que limita quase tudo mais no que se refere ao ser humano.

Não falo de fora da cultura, mas a partir dela sobre ela mesma. Haveria outra forma? É possível falar da linguagem de fora dela?

Outro detalhe: esse espírito do qual falo já é o espírito afogado nas “tolices do tempo” – como dizia Russel Kirk, citado na epígrafe –, traço característico de tudo que é nosso.

E mais: cabe uma metáfora de última hora, a cultura da qual falo é, obviamente, a cultura contemporânea de bactérias. Na qual nadamos.

A modernidade é pura vaidade.

Bem-vindo à alma e aos ossos.

AS VÍSCERAS DE UM VIRA-LATA

HÁ UMA DEVASTAÇÃO MODERNA EM GERAL, e há uma devastação específica entre nós. Sendo o Brasil um país disforme, os males que aqui chegam, chegam de forma ainda pior. Não temos como reagir a imposições do governo, da classe letrada, das modas de pensamento, porque não há mercado o suficiente entre nós para nos dar aquele tipo de liberdade que só a riqueza nos dá: agradar uns e desagradar outros, onde há nichos para todos os gostos. Aqui só há espaços para grossos e os donos da cultura. Uns, mal-educados; outros, maus-caracteres.

Antes de tudo, um rápido reparo. Não parto do pressuposto de que houve algum dia em que a cultura viveu em paz. Mas, quando poucos criavam cultura para além dos artefatos de sobrevivência mais banal, a cultura mais sofisticada estava protegida da barbárie que marca nossa espécie quando se mostra em grandes quantidades. Com o advento da promessa de progresso da modernidade, o mundo seguiu em direção ao paraíso social, na forma de manada estúpida.

Por outro lado, não imagino, como muitos, que consigamos reverter o processo de devastação com um retorno a religiões, nem com o humanismo ateu, nem com o multiculturalismo lixo que a pós-modernidade lançou como grife. Vejo a ação da crítica cultural como um olhar sem esperanças. Necessário porque a inteligência pede, de alguma forma, que ela possa ver o fim do mundo, sem nenhuma esperança.

A devastação geral da modernidade foi descrita de forma definitiva por T.S. Eliot no seu poema “Terra Desolada”. O homem oco, sem força o suficiente para causar uma crise no mundo a sua volta, desesperado de qualquer esperança, se perde entre corredores sombrios,

histórias primitivas de terror, enfim, na casa dos corações partidos. A obsessão pelo dinheiro destrói qualquer espírito. O fato de não percebermos isso já é indicativo dessa destruição.

Se a terra está devastada por aí, aqui ela é ainda mais devastada. O Brasil é um país sem futuro.

A cultura não é apenas o produto objetivo dos homens, mulheres e instituições do presente – como pensam os bárbaros. Ela é, antes de tudo, o produto dos mortos. Das almas esquecidas e dos ossos secos que povoam o passado. Um dos traços da miséria da cultura em nosso século 21 é pensá-la como o resultado da ação dos vivos apenas. Aliás, aquilo que os vivos fazem hoje nada prova que existirá amanhã, ao passo que aquilo que os mortos deixaram para nós, pelo menos até agora, passou pela prova do tempo. Tal argumento é definitivo para que reverenciemos as almas e os ossos do mundo. Guarde este parágrafo no seu coração enquanto me acompanhar entre as almas e os ossos secos.

Pergunto a você: quem saberia disso entre nossos compatriotas amantes de música ruim e de ideias saturadas de ideologias? Os ossos produzem cultura assim como a carne.

Uma das características de uma crítica cultural é ela ser, antes de tudo, inorgânica, isto é, não ser pautada por nenhum modelo de mundo a ser perseguido. Não devemos servir a nenhum senhor do tempo presente. Inorgânica como oposto à ideia de intelectual orgânico, aquele que trabalha para o partido, que pensa para uma forma de vida. O intelectual inorgânico deve cultivar a indiferença para com as necessidades do mundo. Isso nada tem a ver com insensibilidades. Aquele que segue manuais de revolucionários são os insensíveis. Inorgânico aqui significa ser o peregrino em busca de captar a ópera que é a história do mundo e dos homens.

Fazer crítica cultural no Brasil é difícil, de partida, por isso que acabei de enunciar: atitude inorgânica x atitude orgânica. Essa dificul-

dade é decorrente, antes de tudo, do fato que, em sendo nós uns miseráveis materialmente, estamos todo o tempo pensando e escrevendo para garantir espaços, empregos e patrocínios, numa relação de total dependência. Percamos o salário, e perderemos tudo muito rapidamente. Daí que devemos ser orgânicos não só em relação a partidos e ideologias, mas a redes de relacionamento que exigem de nós essa “organicidade” estratégica típica dos miseráveis.

A crítica cultural deve se mover além das preocupações ideológicas, num certo sentido, ela deve mesmo flertar com um niilismo metodológico de base. Para além de bem e mal, como diria Nietzsche.

Falta-nos repertório. É muito difícil pensar a cultura e o comportamento das pessoas sem repertório de partida. Uma cultura pobre é incapaz de criticar-se. E que ninguém entenda que estou preocupado aqui com cultura superior x cultura inferior. Estou mais atento ao ridículo da estupidez do que provar que existam pessoas com cultura sofisticada que poderiam ser nossos juízes. Eu quase arriscaria dizer que a crítica cultural deve partir de uma apreciação estética da vida e das coisas, e não de cara partir de uma apreciação moral ou política. Esta, então, empobrece as almas e os ossos. Onde há política prática e profissional, há pobreza semântica.

O cinema brasileiro é a cara da miséria brasileira. Panfletário, pontifica em vez de nos levar ao assombro, aquele tipo de susto que pode nos levar a gerar uma crise a nossa volta. A Argentina, mais pobre hoje do que nós, tem uma cultura de cinema infinitamente superior, que nos coloca diante da constante constatação de que não sabemos, ao final, a “lógica” geradora de solidez de uma produção cultural.

Não se trata de encarnar o complexo de vira-lata do qual falava Nelson Rodrigues, mas sim de expor suas vísceras.

O MAL-ESTAR COMO CULTURA

DIZIA ANTERIORMENTE DA NECESSIDADE DE REPERTÓRIO PARA O EXERCÍCIO DA CRÍTICA CULTURAL. Começemos por Freud e seu conceito de mal-estar na cultura – ou na civilização, como na tradução brasileira. Uma cultura atenta sofre de mal-estar contínuo. Que mal-estar é esse e por que ele é um tesouro para o crítico cultural? Teria ele cura? Quais seus fundamentos e causas? Por que ele é mais atual do que fora na época do próprio Freud? Essa é fácil: assim como Freud percebeu, caminhamos desde então para uma cultura atravessada pela obsessão da felicidade e isso nos faz mentir como nunca mentimos na face da Terra. Nunca se falou tanto no mundo, e quanto mais se fala, mais se mente. Vivemos numa cultura em que a mentira é a principal produção objetiva do espírito ou da consciência, cujo método é o marketing. Voltemos ao mal-estar de Freud.

Não se trata mais de falar em mal-estar na cultura, mas sim de mal-estar como cultura. Hoje, o mal-estar é a substância da cultura, daí, todo o grau de ridículo e desespero que se traveste de alegria mórbida por todo lado. Se a repressão do desejo se faz necessária para sermos civilizados e produzirmos cultura, como disse Freud, agora, em pleno século 21, já afirmamos que a felicidade é a pedra de toque da vida, não há como a cultura não ser feita de mal-estar. Dito de outra forma: o produto objetivo do nosso espírito é o mal-estar, por isso, há que mentir, mentir sempre e da forma mais disciplinada possível. Que contratem especialistas para que mintamos da maneira mais bem-sucedida, como tudo mais ao nosso redor. Que retiros espirituais sejam feitos no Tibete para nos ensinar do modo mais profundo possível a

ser grandes mentirosos. Da espiritualidade podre para consumo ao marketing infeliz, que mintamos na alma e nos ossos.

O fato é que, se a lógica metafísica nos diz que nossa felicidade não faz parte dos planos da Criação, como diz Freud, essa realidade nos é psicologicamente insuportável. E, quando ficamos sós como homens modernos, tudo ficou ainda mais insuportável. Não há como o produto objetivo do nosso espírito não ser o mal-estar.

Enquanto tínhamos a segurança de demônios a nos perseguir e deuses a nos proteger, esse desamparo essencial humano, como diz Freud, acolhia nossa psicologia doente. À medida que o mundo empobreceu de demônios e deuses – o monoteísmo é um caso grave de falência do panteão divino –, nos sobrou a busca pela saúde mental como cultura. O espírito tornou-se escravo do mercado da saúde mental e seus *players*.

Se o mal-estar é a substância da cultura, o espírito é imerso nesse mal-estar que busca objetivação nos seus produtos. Resultado: tudo está atravessado pelo combate a esse mal-estar. A educação, a política, a gestão corporativa em RH, a paternidade e maternidade, o mercado de trabalho, a ciência, todos servem ao mal-estar – sendo que esta última, a ciência, ainda que use salto alto e saia justa, permanece escrava desse mesmo mal-estar.

O clímax será o lançamento da ideia de autoconhecimento como saída da condição de cultura como mal-estar. A cultura do autoconhecimento, exemplo da espiritualidade podre que nos cerca, e que busca se vender como descendente das distintas formas de monaquismo ocidental e oriental, é uma cilada. A única vida reta possível numa cultura que é mal-estar é dar voz à infelicidade como última forma de virtude.

SÓ OS DEMÔNIOS PODEM NOS SALVAR

UM DOS PRODUTOS OBJETIVOS MAIS SEDUTORES DO ESPÍRITO CONTEMPORÂNEO é a busca do autoconhecimento como rota de cura. Essa rota se oferece como descendente do monaquismo ocidental e oriental e das peregrinações espirituais clássicas. A questão é: seria o autoconhecimento contemporâneo, de fato, um herdeiro da cultura monástica? Vejamos o que esta foi e é na verdade. Esqueça seus manuais e livros baratos sobre autoconhecimento e se aproxime dos demônios que habitam em você. Essa é a rota verdadeira. Eles são seus guias mais sinceros. A cultura de bactérias contemporânea não sobreviveria à consciência dos demônios que habitam o fundo do nosso espírito. E neste mundo, a honestidade depende deles.

A ideia de autoconhecimento, para muitos, nasce no oráculo de Delfos, na Grécia antiga, com o famoso “conhece a ti mesmo”, que estaria escrito na entrada. Não acho que a ideia de autoconhecimento que circula por nosso tempo seja descendente do oráculo de Delfos. Ali, antes de tudo, tratava-se de marcar a diferença entre os deuses e os mortais. “Conhece a ti mesmo” implicava a consciência da finitude que tanto atormentava os gregos e os fazia ser uma “cultura infeliz”; não à toa, criaram a tragédia. Mas, pensando bem, haveria alguma “cultura feliz”?

Seguindo Freud, penso que dificilmente haveria. Não que não exista alegria como produção objetiva da consciência humana ou do seu espírito. Mas, temo, que a nossa seja a primeira cultura na história que quer ver a si mesma como uma cultura da felicidade, e isso, claro, implica em ser, ela mesma, uma cultura do mal-estar causado por essa mentira.

Mas voltemos ao autoconhecimento. Como disse, suspeito que a melhor hipótese para pensarmos a gênese do conceito de autoconhecimento seja a literatura monástica do cristianismo antigo, medieval e moderno – “*early modern*”, como se diz em inglês. Claro que deve haver algo semelhante no monaquismo das religiões não monoteístas semitas, mas nada entendo da cultura oriental, portanto, me calo a esse respeito.

Um elemento-chave da busca de Deus no monaquismo cristão desde a origem no Egito dos primeiros séculos da era cristã foi o enfrentamento de si mesmo. O monge queria ser uma testemunha de Deus, isso era o que ele buscava ser. Ir para o deserto em busca da solidão do ermitão ou em grupo, os cenobitas, era um modo de fugir da cidade pecadora e ir em direção ao desapego pleno a fim de poder “ver Deus”. Nesse processo de despojamento das camadas que impedem a visão divina, o monge iria enfrentar a si mesmo. Ouvir vozes, ver visões assustadoras, passar fome, sede, sentir um medo avassalador, correr risco de morte, sentir o abandono e desamparo quando somos desnudados de todos os elementos culturais e técnicos que nos cercam. Era essa a passagem estreita através do sofrimento. Essas vozes e visões eram compreendidas como o enfretamento dos próprios demônios que habitavam sua alma.

Se pensarmos em termos contemporâneos e seculares, esses demônios nada mais eram do que os medos e tormentos psicológicos dos próprios monges. Ainda assim, retirada a substância metafísica espiritual do drama encenado, permanece o caráter “negativo” da experiência de enfrentar um si mesmo habitado por contradições terríveis e sem nenhuma garantia de que a felicidade estaria no final do processo. É esse vínculo que a ideia de autoconhecimento para consumo rompe. E, ao romper, ela vende a hipótese falsa de que autoconhecimento é igual a sucesso. Aqui, a psicanálise corre grande risco de perder consistência quando abraça formas clínicas orgânicas